



SEÇÃO: EDITORIAL

Reacentuações, estereótipos e deslocamentos na contemporaneidade: o discurso como espaço de (re) organização social

Accentuations, movement and stereotypes in the contemporaneity: the discourse as a space for social reorganization

Reacentuaciones, desplazamientos y esteriotipos en la contemporaneidad: el discurso como espacio de (re)organización social

Claudio Primo Delanoy¹

orcid.org/0000-0002-8015-5349
claudio.delanoy@pucrs.br

Laura Utrera²

orcid.org/0000-0002-8455-681X
laura.utrera2014@gmail.com

**Patrícia Azevedo
Gonçalves¹**

orcid.org/0000-0002-1442-8185
patricia.goncalves87@edu.pucrs.br

Diante da situação excepcional e global que nos chega via COVID-19 e da revelação de uma crise que está percorrendo todo o mundo e a nossa América Latina de forma desenfreada, ouvimos muitos analistas e teóricos dizerem que a cultura está falhando devido a altos níveis de violência e de destruição social, que culminam em fenômenos como a falta de proteção ao meio ambiente, as xenofobias, a inequidade, a desigualdade social, a falta de oportunidades, o desrespeito aos direitos humanos, as vozes caladas das minorias, entre outros.

A humanidade não progride lentamente, de combate em combate, até uma reciprocidade universal, em que as regras substituiriam para sempre a guerra; ela instala cada uma de suas violências em um sistema de regras, e prossegue assim de dominação em dominação (FOUCAULT, 2004, p. 25).

Recebido em: 18 jan. 2022.

Aprovado em: 18 fev. 2022.

Publicado em: 27 jan 2022.

Frente a tal cenário social, quais são as contribuições trazidas pela reflexão sobre cultura e discurso? Para Hall (1997, p. 1, grifo nosso), "toda ação social é cultural, [...] todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são *práticas de significação*", ou seja, a dimensão social é atravessada pela cultura, constitui e é constituída pelo discurso.

Nesse contexto é o pensamento de Mikhail Bakhtin (2013, p. 203) ressurgir, porque a vida das palavras, como fluxo temporário de distinções, proibições e exclusões, determina as condições reais do presente e reorganiza um contexto social: "a vida da palavra está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

² Universidad Nacional de Rosario, Rosario, Argentina.

outro, de uma geração para outra". Para Volóchinov (1976)⁴, p. 10),

[...] os julgamentos de valor, por sua vez, determinam a seleção de palavras do autor e a recepção desta seleção (a co-seleção) pelo ouvinte. As palavras não são retiradas do dicionário, mas do contexto da vida onde se impregnaram de julgamentos de valor.

Na concepção de discurso defendida pelos teóricos do Círculo de Bakhtin, a palavra tem caráter axiológico, isto é, escolher uma palavra é posicionar-se axiologicamente:

[...] a palavra viva, a palavra completa, não conhece um objeto como algo totalmente dado; o simples fato de que eu comecei a falar sobre ele já significa que eu assumi uma certa atitude sobre – não uma atitude indiferente, mas uma atitude efetiva e interessada. E é por isso que a palavra não designa apenas um objeto, como uma entidade pronta, mas também expressa, por sua entoação (uma palavra realmente pronunciada não pode deixar de entoada, porque a entoação existe pelo simples fato de ser pronunciada) minha atitude valorativa em relação ao objeto, sobre o que é desejável ou indesejável nele [...] (BAKHTIN, 2012, p. 50).

Diante de um conflito, que supostamente impediria a conversa, Bakhtin o propõe como uma das formas de diálogo que caracteriza o ser humano como criador da cultura.

Essas formas de comportamento e de vida em sociedade que tornávamos todos espontaneamente por inatas (nossas maneiras de andar, dormir, nos encontrar, nos emocionar, comemorar os eventos de nossa existência...) são, na realidade, o produto de *escolhas culturais*. Ou seja, aquilo que os seres humanos têm em comum é sua capacidade para se diferenciar uns dos outros, para elaborar costumes, línguas, modos de conhecimento, instituições, jogos profundamente diversos; pois se há algo natural nessa espécie particular que é a espécie humana, é sua aptidão à variação cultural (LAPLANTINE, 2000, p. 22, grifo nosso).

O vínculo entre o texto, o autor e a sociedade, bem como a reconstrução da história, a ética, a estética e a recepção dos discursos sociais se enquadram em dois conceitos bakhtinianos ressaltados e deslocados pela crítica contemporânea: o dialogismo – pois "um enunciado nunca

é considerado em sua autossuficiência, mas um elo numa cadeia com outros enunciados" (DELANOY, 2020, p. 156) – e a polifonia – "diversidade de universos e grupos sociais individualizados e conflituosos", "múltiplos planos e vozes da existência" (BEZERRA, 2012, p. 193).

Roland Barthes, por sua vez, estuda estereótipos sociais como cristalizadores de significados baseados em preconceitos. Existem palavras cuja aparência é familiar e intimidante porque sua carga cultural parece óbvia (dada de antemão), de modo que a violência do que é dado como certo reduz ou elimina a diferença.

Segundo o autor, os estereótipos constituem-se como "uma necrose da linguagem", pois veiculam uma perspectiva deformada e grave. São resultado da imposição de determinada ideologia, que cerca e nega a multiplicidade dos signos, caracterizando-se pela palavra repetida e pelo sentido como único (BARTHES, 1984).

Em Homi Bhabha (1998, p. 63), temos que a diversidade cultural se constitui como o processo de enunciação da cultura: "um processo de significação através do qual afirmações da cultura e sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade". A diferença se constitui na tensão entre os enunciados – atos, palavras – e o processo de enunciação – contexto semiótico – por eles sustentado e a partir do qual são atribuídos significados a cada ato e cada palavra. Portanto, o discurso não pode ser visto apenas como (tentativa de) registro de dada realidade, mas sim como espaço de (re) organização social, no qual a palavra tem papel central "como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória" (VOLÓCHINOV, 2018, p. 66).

Com o objetivo de divulgarmos pesquisas neste âmbito, este número da revista Letrônica, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), recebeu trabalhos para a composição de seu dossiê temático "Reacentuações,

⁴ Texto originalmente publicado em russo, em 1926, sob o título "Slovo v zhizni i slovo v poesie", na revista Zvezda, n. 6, e assinado por Voloshinov. A tradução para o português, feita por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático, tomou como base a tradução inglesa de I. R. Titunik *Discourse in life and discourse in art: concerning sociological poetics*, publicada em *Freudism* (1976).

estereótipos e deslocamentos na contemporaneidade: o discurso como espaço de (re)organização social". As contribuições fundamentam-se nas reflexões do Círculo de Bakhtin, Roland Barthes, Dominique Maingueneau, Patrick Charaudeau, bem como em outros teóricos do discurso.

O primeiro artigo que compõe este número, "COVID-19 e o reflexo dos indícios discursivos de fratura social no Brasil", de Liz Feré, apresenta uma reflexão sobre a estrutura simbólica da divisão de classes e o poder da linguagem nas relações sociais brasileiras. Mobilizando conceitos como "capital cultural, social e simbólico", "relações de poder", "invisibilidade", "dialogismo" e "aforização", provenientes das perspectivas teóricas de Bourdieu, Bakhtin e Maingueneau, busca analisar as condições de trabalho dos profissionais da área de recicláveis. Para tanto, analisa os discursos da escritora e poeta Carolina Maria de Jesus, na obra *Quarto de despejo*, em contraste com discursos atuais de Anne Caroline, catadora de recicláveis de São Paulo. A alteridade dialógica entre "lixo" e "reciclagem", o preconceito cotidiano enfrentado pelos sujeitos partícipes desta esfera de atividade e o enfrentamento do contexto pandêmico, aforizado pelo enunciado "fique em casa", são problematizações tecidas pela autora.

O segundo artigo que apresentamos intitula-se "Os sentidos do 'novo mundo' nas publicidades da Latam Airlines sobre a pandemia no Facebook", dos autores Gabriella Cristina Camargo e Nathan Souza. Discutindo de modo central as noções de "signo ideológico" e "enunciado concreto" conforme abordagem teórica e metodológica do Círculo de Bakhtin, os autores compartilham sua análise acerca do signo "novo mundo" a partir de três posts publicitários da Latam Airlines, publicados em sua página do Facebook, em uma amostra discursiva tomada entre os meses de março e setembro de 2020. Sua posição é de que as três ocorrências se relacionam com momentos distintos de compreensão da pandemia pela sociedade: um "novo mundo" em emergência, em consolidação e como já dado.

Em "É trabalho de preto... Emergência e insig-

nificação do discurso", Tatiana Jardim defende a ressignificação do discurso como uma das frentes de insurgência e de atualização da luta contra o racismo. Para cumprir tal intento, analisa os nomes de duas páginas da rede social Instagram que são ressignificações de expressões racistas cristalizadas. Seu percurso orienta-se a partir de autores como Achille Mbembe, Abdias Nascimento e Beatriz Nascimento, no que tangem às questões ligadas ao racismo e ao negro; e Michel Foucault, Dominique Maingueneau e Décio Rocha, no tratamento das questões discursivas. Destacam-se os conceitos de "formação discursiva", "prática discursiva" e "linguagem-intervenção" pelos quais a autora busca mostrar que a relação entre língua e história sempre se atualiza e propicia construções de outros mundos e possibilidades de sociedade.

No quarto artigo, "O ethos do herói voluntário e os estereótipos sobre a África no discurso humanitário", Daiane Bitencourt analisa o vídeo *How to get more likes on Social Media*, visando descrever a construção do ethos do voluntário como um herói e os estereótipos sobre a África. Sua análise baseia-se nas noções de "cena validada", "ethos" e "estereótipos". No vídeo, produção de uma agência humanitária internacional politicamente independente que promove o acesso à educação em diferentes países, critica-se o modo simplificado, redutor e, muitas vezes, pejorativo como a mídia ocidental, as organizações humanitárias e os discursos acadêmicos disseminam informações sobre a África. Neste artigo, a autora tenciona as imagens estabelecidas no material midiático em tela: um ethos de um herói bom e bem-intencionado versus estereótipos de africanos como passivos, pobres e doentes.

O quinto artigo que integra esta edição, "Representação da mulher negra nas capas da versão brasileira da revista Glamour: discurso, imagem e construção de sentidos", de Amanda Moura e Fábio Almeida, problematiza a construção discursiva da representação de mulheres negras em capas da revista Glamour (editora Globo), publicadas entre 2012 e 2018, por meio da análise intersemiótica de enunciados e de imagens.

No artigo, são discutidas questões raciais e de gênero, propostas pelo Feminismo Negro, e de linguagem na perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso, a partir dos conceitos de "interdiscurso" e "práticas intersemióticas". Sua contribuição evidencia deslocamentos em curso que apontam para mudanças positivas na representação da mulher negra, ainda que predominem padrões estéticos eurocêtricos que subalternizam o corpo que não é branco.

Abordando a recente discussão sobre o uso de uma linguagem neutra não promotora de exclusão de pessoas que não se identificam com a divisão binária de gênero em masculino e feminino, o artigo "Linguagem neutra: uma análise baseada na teoria dialógica do discurso", de Verônica Seidel, objetiva refletir sobre o uso dessa forma de linguagem a partir da perspectiva do Círculo de Bakhtin, tomando como base o conceito de "signo ideológico" proposto por esses pensadores. Seu corpus constitui-se de excertos do Projeto de Lei n. 5.385, que trata da linguagem neutra, analisados sob a ótica das motivações e das implicações dessa forma de expressão, compreendida como uma reacentuação dos signos ideológicos, advinda de uma modificação na realidade.

No artigo "A aparência linear do discurso e suas armadilhas semântico-argumentativas", Andréia Cerezoli e Tânia Azevedo têm por objetivo descrever as argumentações interna e externa de palavras plenas de um discurso jornalístico e explicar como a atualização de determinado encadeamento argumentativo orienta a constituição do sentido do discurso. Conforme sintetizam as autoras, a pandemia de COVID-19, no Brasil, revelou a polarização de pontos de vista políticos, econômicos e culturais, materializados por expressões como: "Fique em casa", "Use máscara", "Só uma gripezinha", que se mostraram multifacetados e despertaram diferentes sentidos. Fundamentando-se no princípio de que "A argumentação está na língua", proposta desenvolvida por Ducrot e colaboradores sob a denominação de Semântica Argumentativa (SA), Semântica Linguística ou Teoria da Argumenta-

ção na Língua (TAL), e aplicando o método de simulação, analisam a manchete de uma reportagem publicada na revista *Veja*. Seus resultados explicitam que há movimentos argumentativos que determinam, por exemplo, a condenação à pena de morte.

Em "Uma cenografia parasita: estratégias do *Jornal da Cidade Online* para a corrosão do gênero jornalístico no Brasil", Ernani César Freitas, Fernando Antunes Júnior, Iverson Gonçalves e Luís Henrique Boaventura analisam a cenografia do *Jornal da Cidade Online* e suas relações dialógicas e parasitárias com a imprensa tradicional para a construção de um ethos de jornalismo comprometido com a verdade na captação de público para seu mundo ético. O corpus selecionado em sua investigação é composto por excertos retirados do jornal e pelo layout do site do veículo de comunicação. No contexto de migração para espaços digitais, em que eventos como as eleições são afetados pela acirrada colonização das redes sociais e o mercado se reformula para absorção de consumidores remotos, os autores denunciam uma forma parasitária de capitalizar sobre a credibilidade do jornalismo tradicional.

"Um sistema de dispersão interdiscursivo: as tensas e desiguais relações entre o discurso institucional e o discurso tradicional no espaço discursivo da pesca", escrito por Roseli Cardoso e Fátima Pessoa, discorre sobre as relações conflituosas entre os discursos dos pescadores tradicionais e representantes governamentais na reorganização social da pesca nas Reservas Extrativistas Marinha do Brasil (RESEX) Caeté-Taperaçu (PA) e Arai-Peroba (PA). Tendo por base os postulados de Foucault e Maingueneau, reflete sobre estratégias e táticas de governamentalidade dos sujeitos que trabalham na atividade da pesca tradicional em territórios que passam a ser regidos por dispositivos de controle das populações, bem como as formas de resistência a esses dispositivos. Ao analisar o texto da Lei n. 9.985/2000 e narrativas de pescadores, discute, em particular, as interseções entre saber e poder relacionadas à gestão de recursos financeiros e à disputa por representação política em torno

dessa gestão.

O artigo "Um grito que soma: uma análise semiolinguística da canção 'Maria da Vila Matilde'", de Felipe Oliveira e Rafael Oliveira, descreve os atos de linguagem presentes na canção "Maria da Vila Matilde", composta por Douglas Germano e interpretada por Elza Soares. Tem por abordagem teórico-metodológica a classificação do texto a partir dos Modos de Organização do Discurso, no âmbito da Teoria Semiolinguística proposta por Patrick Charaudeau, focalizando o Modo Enunciativo em um quadro elaborado a fim de organizar a música em virtude dos seus modos enunciativos. Por meio deste, os autores analisam e interpretam de que maneira tais modos constituem sentido, especialmente, os sentidos de empoderamento e de enfrentamento da cultura patriarcal, machista e racista.

Esta edição encerra-se com o artigo "Novafala: a língua como instrumento de manipulação em 1984, de George Orwell", de Carina Niederauer e Anna Carolina Pasquali. Tendo por objetivo pôr à mostra o poder da linguagem na organização social, as autoras realizam uma análise da obra literária citada, em especial, da criação de uma nova língua no país fictício da Oceânia, que se revela um importante mecanismo de controle da população. Utilizando a noção de "signo ideológico", conforme compreensão do Círculo de Bakhtin, observam que a eliminação da língua falada pela população e a criação de uma nova língua visam anular o pensamento crítico, tornando as pessoas meras reprodutoras de opiniões, sem qualquer forma de reflexão.

Como é possível observar, este número reúne importantes contribuições teóricas e aplicadas, fundamentadas nas reflexões do Círculo de Bakhtin, Roland Barthes, Dominique Maingueneau, Patrick Charaudeau, bem como em outros teóricos do discurso, visando problematizar as reacentuações, os estereótipos e os deslocamentos no contexto contemporâneo e postulando o discurso como espaço de (re)organização social.

Desejamos a todos uma profícua e significativa leitura!

Referências

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 191-200.
- DELANOY, Claudio. O conceito de grande tempo e interpretação de discursos. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 153-174, set./dez. 2020.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. 1997. Disponível em: http://docs.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/texto_stuart_centralidadecultura%5B1%5D.pdf. Acesso em: 27 dez. 2021.
- LAPLATINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- VOLÓCHINOV, Valentin. *O discurso na vida e o discurso na arte*. [S. l.: s. n.], [1976]. Disponível em: https://www.academia.edu/19347967/Discurso_Na_Vida_Discurso_Na_Arte. Acesso em: 18 jan. 2022.

Claudio Primo Delanoy

Doutor em Letras/Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), mestre em Letras/Linguística pela PUCRS. Professor adjunto na Escola de Humanidades da PUCRS. Líder do grupo de pesquisa Discursos em Diálogo (certificado pelo CNPq).

Laura Utrera

Doctora en Humanidades y Artes con mención en Literatura. Magister en Literatura Argentina. Prof. y Lic. en Letras. Docente e investigadora del Instituto de estudios críticos en Humanidades IECH (Universidad Nacional de Rosario, Conicet). Prof. adjunta de la asignatura Análisis del Texto en la carrera de Letras (FHUMyAR, UNR).

Patrícia Azevedo Gonçalves

Mestra em Gramática e Significação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/CNPq), especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), graduada em Letras Português pela UFRGS. Doutoranda em Linguística pela PUCRS/CNPq.

Endereço para correspondência

Claudio Primo Delanoy/Laura Utrera/Patricia Azevedo
Gonçalves

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Faculdade de Letras – Escola de Humanidades

Av. Ipiranga, 6.681, Prédio 8

Partenon, 97010-082

Porto Alegre, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá
Comunicação e submetidos para validação do(s)
autor(es) antes da publicação.*